

## **Acontecimento e enquadramento: imagens de uma mesma guerra?**

### *Event and framework: images of the same war?*

André Melo MENDES<sup>1</sup>  
Juliana FERREIRA<sup>2</sup>

#### **Resumo**

Este artigo propõe-se a analisar os enquadramentos do conflito armado entre Israel e Palestina, na Faixa de Gaza, em julho de 2014, realizado pelas revistas *Carta Capital* e *Veja*. Partimos da ideia de que, apesar de o jornalismo tradicional se colocar como detentor da verdade sobre os acontecimentos, cada veículo interpreta as ocorrências de uma forma distinta, de acordo com interesses particulares. O objetivo, aqui, é mostrar como as duas revistas - concorrentes e antagônicas em relação às suas posições políticas - apresentaram diferentes narrativas sobre a mesma guerra.

**Palavras-chave:** Acontecimento. Enquadramento. Reportagem.

#### **Abstract**

This article aims to analyze the frame works of the armed conflict between Israel and Palestine, in the Gaza Strip in July 2014, created by the magazines *Carta Capital* and *Veja*. We consider that, although traditional journalism stand as holder of the truth about the events, each vehicle interprets the events in a different way, according to its private interests. The purpose here is to show how the two magazines – competing and antagonistic in relation to their political positions – managed to present different truths about the same war.

**Keywords:** Events. Frame. Story.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: andremelomendes@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG. E-mail: juckel@gmail.com.

## **Introdução**

A sociedade contemporânea é marcada pela coexistência de uma multiplicidade de identidades e grupos que procuram validar suas escolhas, ideias e reivindicações por meio de estratégias diversas. Nesse contexto, é cada vez mais raro nos depararmos com vozes que se proponham a defender o projeto moderno e as grandes narrativas que o constituíram.

Em um cenário onde a verdade universal e a ideia de uma imagem transparente não mais se sustentam, nenhum relato encontra legitimidade suficiente para organizar a diversidade (e o caos) do mundo (CANCLINI, 2012). Contrariando esse cenário, o jornalismo ainda insiste na divulgação de uma verdade absoluta, isenta de qualquer parcialidade, calcada na “pura” narração do que ocorreu em determinado fato noticiável.

No entanto, um olhar mais atento para os textos veiculados pela imprensa pode revelar a existência de diferentes estratégias discursivas utilizadas pelos meios de comunicação para que seus relatos sejam legitimados como verdadeiros no disputado universo simbólico de produção de sentido.

Neste artigo, refletimos sobre essa disputa de pontos de vista a partir da cobertura de duas das principais revistas de circulação nacional sobre o ataque de Israel à Faixa de Gaza, em julho de 2014. Com base nos conceitos de acontecimento e enquadramento, analisamos como se deu a formação dos argumentos retóricos e os discursos veiculados em *Carta Capital* e *Veja*. O assunto ocupou grande parte do noticiário internacional e teve uma forte repercussão na mídia brasileira, especialmente em publicações impressas. Esse fato foi narrado com enquadramentos diversos, algumas vezes conflitantes.

## **A dupla vida do acontecimento**

Uma forma de compreendermos porque existem diferentes perspectivas das reportagens é admitir não ser possível o acesso direto à realidade, já que sua percepção se dá por meio de representações imperfeitas, chamadas de signos. Estes não são equivalentes ao real e não possuem um significado fixo, podendo variar de acordo com o

contexto, o tempo histórico e a subjetividade dos envolvidos na comunicação. Assim, não é possível entender a linguagem (escrita ou imagética) como um espelho fiel do que há no mundo.

A representação é baseada em “uma operação de apropriação e invenção a partir de elementos daquilo que é representado” (CORRÊA; SILVEIRA, 2014, p. 123). Até mesmo a disposição da informação nas páginas pode interferir na produção de um determinado sentido, mesmo que muitos leitores não percebam essa estratégia. Segundo Louis Quéré (2005), o acontecimento teria uma dupla vida: haveria o momento em que ele se daria na experiência e, depois, quando é objetificado, transformado em discurso e individualizado. A mídia atuaria no segundo momento, a partir da factualização de uma ocorrência para torna-la única. Esse processo de individualização se dá por meio de estratégias discursivas, como descrição, narração e pano de fundo pragmático (FRANÇA, 2011).

A partir dessa atuação dos meios de comunicação, vemos nascer um novo acontecimento. Como cada veículo faz uso de diferentes fontes e repórteres, a narração nem sempre é igual. Muitas vezes, o interesse político da empresa que detém o material produzido também é impresso em tal discurso. Cabe, aqui, mostrar como o conflito no Oriente Médio é caracterizado de forma contrastante segundo esses fatores.

Vale ressaltar que, na contemporaneidade, vemos o poder do discurso da mídia tradicional se diluir em meio às inúmeras opções de acesso à informação, não havendo mais um sentido hegemônico para cada acontecimento. Mesmo em revistas de circulação nacional, como as analisadas, essa uniformidade não existe.

### **Enquadramento: várias notícias de um mesmo acontecimento**

Partimos do pressuposto de que qualquer narrativa é uma síntese imperfeita de um fato, uma construção de um mundo possível que encarna discursos e pontos de vista (ANTUNES, 2014). As reportagens, então, são orientadas por quadros de sentido, chamados por Erving Goffman (2012) de *frames*, que conduzem a interpretação dos acontecimentos sociais para os sujeitos, assim como a maneira como eles devem agir. Logo, esses quadros são construídos socialmente, podendo ser alterados ao longo do tempo.

A posição que um indivíduo (no nosso caso, a revista) ocupa em uma ação é negociada, confirmada, sustentada ou modificada nas interações. Segundo esse ponto de vista, a mídia aciona os enquadramentos para relatar os acontecimentos, tanto no texto quanto nas imagens. É o que vamos analisar nas matérias sobre a intensificação do conflito entre palestinos e judeus na Faixa de Gaza.

O estudo das reportagens e das fotografias que ilustram essas reportagens pode mostrar em quais quadros de sentido cada publicação quis inserir tal ocorrência. Tal aporte teórico está em consonância com as teorias da linguagem, segundo as quais o mundo fora do ser humano não pode ser vivido de forma direta, sendo filtrado pela linguagem que, por sua vez, é vinculada à uma determinada cultura. Dessa maneira, se por um lado, o homem usa a racionalidade para guiar seu projeto reflexivo, por outro, ele é dependente de estruturas fornecidas pela cultura.

Para compreender as relações entre os elementos textuais e imagéticos que constituem as reportagens impressas, escolhemos como metodologia a base semiótica desenvolvida por MENDES (2011) que consiste em quatro momentos: discriminação, contextualização, inter-relações entre texto e imagem e interpretação. O método sistematiza uma série de procedimentos de análise relevantes para a produção de sentido, considerando não apenas a imagem em si, mas também o contexto social na qual está inserida, além dos aspectos simbólicos.

No primeiro momento de análise, destinado à discriminação, o objetivo é, identificar os elementos que fazem parte dessa composição. Nessa fase, o objeto da análise deve ser abordado na sua particularidade, evidenciando o poder denotativo das figuras.<sup>3</sup> A enumeração correta dos motivos vai garantir o sucesso do ponto seguinte: o levantamento iconográfico.

O passo seguinte consiste em descobrir as representações mais estáveis ligadas a esses signos na sociedade em que foi produzida, o que revela como diferentes condições históricas, temas ou conceitos foram expressos ao longo da história ocidental. Também devem ser consideradas a iconografia e as representações mais estáveis ligadas a esses signos.

---

<sup>3</sup> É bom lembrar que o termo “denotação” é uma figura de linguagem pois não se pode falar em denotação se se admite ser impossível ao signo representar totalmente seu objeto.

O terceiro momento exige a atenção dos analistas nos textos que fazem parte da imagem, a fim de estabelecer quais os tipos de relação retóricas possíveis entre texto e imagem e as qualidades gráficas do texto. Apesar de ser importante toda a informação levantada sobre os signos na segunda etapa, cada um deles adquire um valor e sentido específicos de acordo com sua inserção junto aos outros signos do sistema. Na etapa seguinte, devemos buscar como eles estão articulados e o que representam naquele contexto específico.

**Carta Capital: quando Davi se transforma em Golias**

No dia 30 de julho de 2014, *Carta Capital* apresentou sua versão sobre os ataques de Israel à Faixa de Gaza. Nas páginas de abertura da matéria, foram usadas duas fotografias compradas de uma agência de notícias internacional. A principal ocupou a maior parte das duas páginas em que estava inserida e apresentou, em plano americano, um homem acima dos 50 anos com um bebê nos braços. A outra imagem, que recebeu um espaço bem menor, exibiu um acampamento militar, no qual um tanque faz um disparo.

Figura 1 – Fotografia de abertura da reportagem.



Fonte: Revista *Carta Capital* 30 de julho de 2014.

Na foto principal, o centro da atenção é um homem de barba branca bem cortada, o rosto marcado por vincos; ao seu lado, está um homem mais jovem (basta comparar as mãos dos dois) com uma camisa polo vermelha e a mão direita acima da cabeça do bebê. O cenário é pouco nítido e o fundo escuro ressalta o branco do tecido que envolve a criança. O potencial dramático da imagem em análise aumenta quando percebemos que o local em que os personagens se encontram é provavelmente um hospital e que a criança pode estar morta, pois tem lábios arroxeados, olhos perdidos e marcas de sangue espalhadas pelo rosto. O drama da morte é ampliado pela referência à imagem da Pietá na cena. Tal como Maria segura o corpo de seu filho nos braços, também faz esse senhor, que nos oferece a dor de ter um ente querido assassinado pelas bombas israelenses.

A cabeça “cortada” de um dos homens também é um detalhe significativo, pois à primeira vista sugere que o autor da foto não é um profissional, já que a disposição é considerada um erro em enquadramento. Mas a imagem que abre a reportagem foi comprada da agência AFP (*Agence France-Press*), o que nos indica que a escolha de tal fotografianão tenha se dado ao acaso. Segundo Sontag, há uma tendência cultural de considerar uma imagem “menos elaborada” como sendo mais “verdadeira” (SONTAG, 2003, p. 26-27).

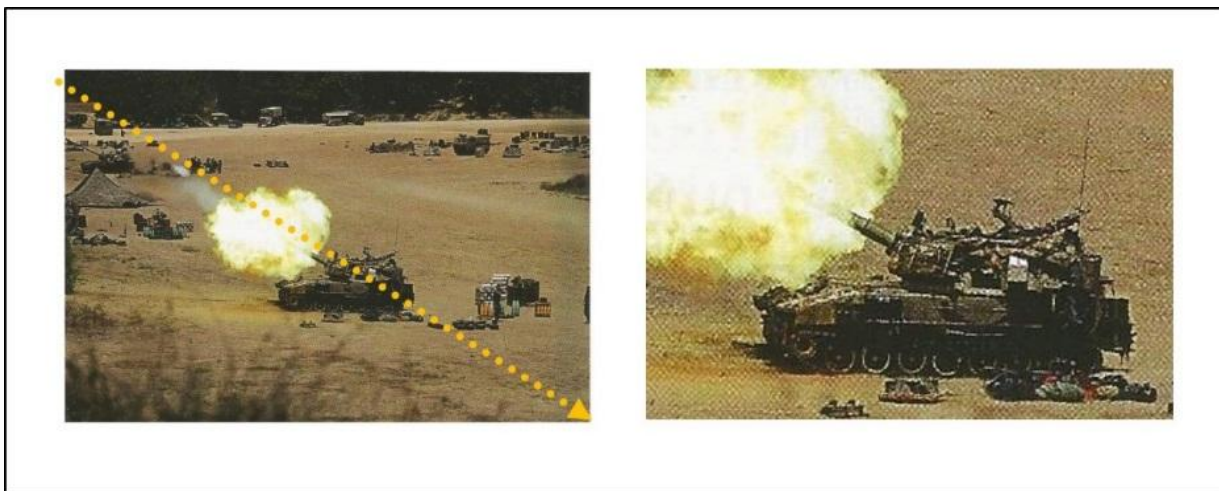
Robert Capa, famoso fotógrafo de guerra, aconselhava a produção de imagens de conflito com um “ligeiro tremido”, uma iluminação insuficiente e um enquadramento sem composição aparente, pois a imperfeição técnica e estética seria uma espécie de garantia de que a foto foi concebida “no calor da hora, em pleno perigo”. Apesar de o campo acadêmico refutar a ideia de que a fotografia é um testemunho do real, o jornalismo ainda alimenta o consenso sobre esse mito (SONTAG, 2003, p. 35). Essa é provavelmente a intenção da revista ao escolher o clique “mais amador”.

Já na imagem que ocupa a página da direita, há uma linha horizontal negra, no topo, que ocupa uma pequena área de foto. Entre ela e o chão de terra claro, caminhões se movimentam em direção ao lado direito da foto. O contraste entre as duas imagens se dá em vários níveis: o assunto (pessoas x máquinas), cor (claro x escuro) e tamanho. O enquadramento em plano geral nos apresenta algo que se assemelha a um acampamento militar. No meio de uma diagonal que se inicia no topo do lado esquerdo, um tanque



ocupa o centro da imagem. Ao seu lado, vemos uma série de elementos verticais, provavelmente munição. Há predomínio de uma paisagem marrom ocre que contrasta com os tons escuros da imagem maior, na qual o assunto é o ser humano. Nesta, não é visível a presença humana.

Figura 2 - Tanque disparando em acampamento militar.



Fonte: Revista *Carta Capital* 30 de julho de 2014.

As duas fotos possuem uma única legenda: “Na luta desigual, de um lado morrem os civis e muitas crianças, do outro, sobretudo os soldados”. Há, aí, certa banalização da morte, como se o problema não fosse ela, mas o contraste da morte de bebês de um lado e a de soldados do outro. A perspectiva reafirma a desigualdade no conflito, condenando indiretamente a ação de Israel e esclarecendo, sobretudo, a imagem principal, confirmando o que visualmente é sugerido: o infanticídio.

O título da matéria, inserido logo abaixo, “Quando o Golias é judeu”, aparentemente, não estabelece uma relação direta com a imagem de um pai/avô com seu filho/neto. É necessário que o leitor conheça a história bíblica do confronto entre o judeu Davi e o gigante filisteu Golias para que tenha um ponto de partida onde ancorar sua interpretação. Nesse confronto que também envolve forças desproporcionais, houve um final improvável: a vitória do mais fraco sobre o mais forte, ressaltando a ideia de que quem está ao lado de Deus não deve temer nada. O título inverte a relação de forças da história bíblica e caracteriza os judeus como Golias. É interessante notar que “Golias” não aparece diretamente nas imagens da reportagem, mas apenas por meio dos

seus efeitos. Ou seja, destruição e morte, resultado da batalha – podemos pensar, também, que o tanque é a representação do gigante.

Como já dito, o acontecimento em si só existe no momento da experiência, sendo impossível captá-lo em sua essência, na sua objetificação, assim, a escrita jornalística optou, neste caso, em um maniqueísmo entre os dois povos que brigam pela Faixa de Gaza. O texto da matéria apresenta uma descrição da Faixa de Gaza que assume o mesmo tom dramático encontrado na fotografia que abre a reportagem. Ao longo do texto, vários argumentos são usados para condenar a ação dos judeus e ressaltar a situação de vítima dos palestinos. Para conformar a notícia de acordo com esse enquadramento foram utilizados alguns recursos retóricos que serão abaixo abordados.

O primeiro e mais evidente ponto argumentativo é o uso da força desproporcional por parte de Israel que resultou na morte de vários inocentes, entre elas muitas crianças – esta ação estaria sendo realizada com a conivência dos principais líderes ocidentais (Estados Unidos, Alemanha e França). Outra alegação é que a luta do Hamas, ao contrário do que é alegado pelo Estado Judeu, seria legítima já que o grupo ganhou o comando do território de maneira democrática ao vencer as eleições parlamentares da Palestina em 2006. Uma terceira afirmação é que o estopim para a nova guerra – a morte de três adolescentes na Cisjordânia – não seria justificável, pois os assassinatos não teriam sido autorizados pelo Hamas.

O enquadramento do acontecimento como uma ação negativa perpetrada por Israel chega ao seu ponto máximo quando a reportagem sugere uma aproximação das ações de Israel com aquelas promovidas pela Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial. Com o intuito de validar essa afirmação, a publicação recorre a Magid Shihade, professor de Relações Internacionais da Universidade de Birzeit, utilizado como uma fonte privilegiada. O depoimento de Shihade possui um espaço importante na reportagem, ocupando a metade inferior de duas páginas, de um total de cinco (figura 3).



Figura 3 - Líderes dos EUA e de Israel apertam as mãos enquanto professor Magid Shihade denuncia genocídio em boxe de entrevista.



Fonte: Revista *Carta Capital* 30 de julho de 2014.

Segundo ele, nesse conflito, os palestinos são o lado mais fraco (o título da reportagem está de acordo com essa ideia), e “o estado israelense é um estado colonial judeu voltado a afirmar a supremacia racial”. Isso implica em denunciar que o sionismo é racista, pois prevê a preeminência dos judeus sobre os palestinos nativos.

Na outra página, no canto superior direito, podemos perceber dois homens de terno contra um fundo predominantemente azul apertando as mãos. O maior, de cabelos brancos, é o vice-presidente dos EUA; o outro é Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel. A legenda dessa foto destaca a força de Israel e a fraqueza/omissão dos EUA, enfatizando o enquadramento que o texto vai conferir a esses dois atores internacionais. Nesse trecho da reportagem é enfatizada a postura “cínica e historicamente permissiva” dos americanos em relação às ações militares dos judeus contra os árabes.

Em seguida, o jornalista relata parte do cotidiano de uma família palestina, destacando a precariedade em que estão vivendo devido à ofensiva de Israel e utiliza uma imagemna qual quatro homens são fotografados em meio a uma paisagem urbana destruída (figura 4) para dar ao leitor uma visão mais concreta da situação da Faixa de Gaza após os ataques.

Figura 4 – Palestinos em meio a tragédia causada pelos bombardeios



Fonte: Revista *Carta Capital* 30 de julho de 2014.

Analisando esse conjunto de argumentos é possível dizer que, a partir da seleção de textos, imagens e depoimentos, *Carta Capital* compôs uma narrativa em que o acontecimento-objeto relativo à ofensiva de Israel contra a Faixa de Gaza, em julho de 2014, foi enquadrado como fruto da vilania dos israelenses, como conivências dos Estados Unidos e das outras grandes potências mundiais. Os árabes, por outro lado, foram representados como vítimas inocentes dos implacáveis ataques executados pelos judeus.

### **Veja: uma outra guerra**

Recursos retóricos semelhantes foram usados pela *Veja*, com a diferença de que o acontecimento-objeto construído é totalmente diverso ao da revista anterior. Em 30 de julho de 2014, a publicação estampou na sua capa uma lâmpada incandescente pintada de preto com o título: “Apagão na diplomacia”. O subtítulo enumerava os principais eventos em que a política externa da presidente Dilma Rousseff supostamente havia falhado. Numa longa reportagem que ocupou 11 páginas e se iniciou na seção Internacional, a revista comentou criticamente a atuação do Itamaraty desde o governo

do presidente Lula. A abertura dessa matéria se deu com página dupla e duas fotos ocupando boa parte dessa área.

Figura 5 - Revista *Veja* critica Itamaraty



Fonte: Revista *Veja* 30 de julho de 2014.

Na página da esquerda, a foto faz referência ao avião derrubado na Ucrânia em julho de 2014, e o título ironiza a atuação do Itamaraty, que não teria feito nada em relação às ações criminosas do presidente russo, Vladimir Putin. No topo da página, escrito num corpo de texto maior do que as legendas, um texto define a atuação da política externa brasileira como interesseira e não comprometida com os “princípios universais consagrados”. Ocupando quase uma página inteira do lado direito, o jovem palestino segura um menino morto, em pose semelhante à publicada na primeira página de *Carta Capital* (figura 1). Enquanto a legenda não responsabiliza Israel pela morte da criança, como ocorreu na outra revista, o título ironiza aqueles que têm atribuído exclusivamente aos judeus a culpa pela tragédia.

Na página seguinte, há um resumo do que a revista nomeou como o “apagão moral na política externa brasileira”, junto a um quadro, na base da página (figura 6), em que é dado espaço ao porta-voz do Ministério de Relações Exteriores de Israel, famoso por ter chamado o Brasil de “anão diplomático”. Na entrevista, ele afirma que a posição brasileira é fruto de antiamericanismo ou de desconhecimento da situação real. Em seguida, mais algumas páginas descrevem “a longa e impávida descida do Itamaraty

para o nanismo das relações diplomáticas”. A última matéria desse conjunto é aquela que trata diretamente do conflito entre Israel e o povo palestino.

Nesse trecho, já é perceptível um enquadramento de diversos acontecimentos mundiais sob a ótica da política externa brasileira. Dessa forma, a revista defende a ideia de que a posição diplomática brasileira está no caminho errado desde o governo do ex-presidente Lula. As divergências entre os ministérios das Relações Exteriores do Brasil e de Israel são usadas como um exemplo da incapacidade da equipe de Dilma Rousseff em lidar com os conflitos internacionais.

Figura 6 – Entrevista com ministro das Relações Exteriores de Israel



Fonte: Revista *Veja* 30 de julho de 2014.

Na reportagem que trata diretamente da guerra, *Veja* apresentou uma diagramação semelhante àquela utilizada por *Carta Capital*, com duas fotos de tamanhos contrastantes para ilustrar as páginas de abertura. Na foto principal, é possível notar uma mulher jovem, deitada sobre um chão cheio de gérbas vermelhas e brancas – espécie de flor muito usada em coroas de flores, nos enterros. Há predomínio do tom verde das folhas em contraste com o branco e o vermelho das flores. Já na outra imagem, vemos duas fileiras de homens seminus, de joelhos, sobre um chão arenoso de cor amarelada e com as mãos sobre a nuca.

Enquanto na imagem maior percebemos o predomínio da cor verde escura, na menor, dominam os tons terrosos amarelados. Há contrastetambém no número de



pessoas, no gênero (uma mulher x vários homens) e na composição dos elementos do cenário (flores x deserto).

Na foto principal, a jovem de pele branca e cabelos claros, com jeans escuros e camisa preta, está com os olhos fechados e a boca aberta apresentando uma expressão de dor. A cor da roupa, associada às coroas de flores, reforça que ela está de luto e sofre com a morte daquele que será enterrado. A impressão do seu sofrimento é ampliada pela sua pose (fetal), típica de quem se sente abalado e impotente. No canto esquerdo inferior da foto, em primeiríssimo plano e próximo a ela, é perceptível a perna do que parece ser um soldado e seu coturno marcando a presença militar nesse acontecimento; mais acima, são visíveis pernas de várias pessoas usando jeans claro, provavelmente outros jovens ligados ao morto.

Logo ao lado direito da cabeça da mulher, há uma faixa azul com um texto escrito num idioma que parece ser hebraico. Junto ao seu pé direito e em outros lugares espalhados pela foto, vemos diversas faixas azuis com texto branco entre as flores. Tal escolha é uma forma de enquadrar o acontecimento de forma que a culpa não recaia somente nos judeus, como foi a abordagem predominante na mídia brasileira. A foto mostra ao leitor que também há mortes do lado judeu e que não só as famílias árabes sofrem com essa guerra.

Figura 7 – Página que abre reportagem mostra o sofrimento dos judeus.



Fonte: Revista *Veja* 30 de julho de 2014.

O título da matéria, “Até que o terror acabe”, está logo abaixo dessa imagem e não explica imediatamente as duas fotografias que ilustram a reportagem, sendo necessária a leitura da legenda para uma melhor compreensão do que está se passando nessas cenas. Situada ao lado da fotografia na qual estão os homens seminus ajoelhados, a legenda informa que eles pertencem ao Hamas e que se entregaram ao exército israelense e que a mulher da foto maior é namorada do soldado israelense morto em conflito. O título da matéria também evoca, mesmo que não diretamente, a conhecida frase “até que a morte os separe”, enunciada nos casamentos cristãos. No caso, a morte teria separado o jovem casal prematuramente, consequência da guerra e, ironicamente, a morte vem “unindo” os palestinos e israelenses ao longo dos anos.

Enquanto na reportagem de *Carta Capital* os palestinos são enquadrados como vítimas, essa posição é praticamente invertida em *Veja*. Israel é caracterizado como um Estado que se importa e protege seu povo, em clara oposição ao Hamas, representante político dos palestinos, que historicamente não tem se importado em usar como escudo aqueles que deveria proteger. A revista *Veja* defende que a ação militar dos israelenses é legítima, na medida em que tem como objetivo garantir a segurança do seu país e dar fim ao terrorismo árabe que atormenta a vida dos israelenses há muitos anos.

O texto escrito por Nathalia Watkins se concentra em deslegitimar a afirmação veiculada pela maior parte da mídia de que Israel usou força desproporcional no seu ataque à Faixa de Gaza. Watkins defende a ideia de que essa acusação é injusta porque a base desse argumento – o número muito maior de mortos no lado palestino – seria falaciosa ou, pelo menos, equivocada. Segundo a repórter, a diferença entre o número de mortos entre as duas nações não está vinculada à atitude piedosa do lado árabe, mas à incompetência de suas ações militares, já que, apenas nesse episódio, mais de 2.300 mísseis foram lançados contra Israel. Esses mísseis só não causaram maiores danos devido ao eficiente sistema antimísseis de Israel que foi capaz de interceptar esses foguetes antes deles chegarem ao solo.

Além de questionar a afirmação de que Israel usou força desproporcional no seu ataque à Faixa de Gaza, Watkins procurou se apropriar da ideia de desproporcionalidade para inverter essa relação. Segundo a repórter da *Veja*, a batalha seria mesmo desproporcional, mas apenas no que diz respeito à qualificação dos atores envolvidos: enquanto Israel é um estado democrático que procura proteger seu povo, os palestinos



do Hamas seriam terroristas cujo único interesse é causar o maior número de mortes de judeus. O texto também procura legitimar a figura do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu como líder carismático, afirmando que ele é bem avaliado pelo seu povo (oito em cada 10 israelenses o apoiariam), enquanto o Hamas estaria isolado no mundo árabe.

Analisando esse conjunto de argumentos visuais e escritos podemos afirmar que o enquadramento de *Veja* construiu um mundo em que os judeus também são vítimas, e os palestinos também têm responsabilidade nessa guerra. Mais uma vez, o enquadramento é maniqueísta, mas, talvez um pouco menos que em *Carta Capital*, já que a reportagem reconhece que a culpa do conflito deve ser dividida entre os dois lados.

### **Considerações finais**

Nos dias atuais temos acesso a uma grande diversidade de narrativas que disputam entre si o direito/poder de criar valor simbólico e definir nossa realidade. Vimos, a partir dessa análise, como os meios de comunicação, principal local de produção simbólica de uma sociedade moderna, participam ativamente dessa disputa (CANCLINI, 2012, p. 43). Por meio de textos impressos e imagens visuais, *Carta Capital* procurou sensibilizar a opinião pública brasileira para a situação que atravessava o povo palestino após os ataques de Israel, defendendo o fim da indiferença à essa situação. Além de sensibilizar seu público para o sofrimento árabe, a reportagem procurou também deslegitimar a ofensiva de Israel, qualificando-a como covarde e abusiva, aproximando-a daquela adotada pelos alemães em relação aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Já a abordagem de *Veja* seguiu um caminho bem diferente, procurando desconstruir a representação negativa de Israel para o público brasileiro e responsabilizando também os árabes pelas mortes e sofrimentos gerados por essa guerra. *Veja* destacou ainda que não eram apenas as famílias dos palestinos que sofriam com as perdas humanas provocadas por esse conflito, mas também as famílias judias eram afetadas. Por fim, a *Veja* finalizou sua argumentação sustentando a ideia de que a diferença referente ao número desproporcional de mortos de cada nação não estaria

vinculada ao uso de uma força excessiva por parte dos israelenses, mas à sua capacidade de melhor se defender das investidas do inimigo.

As proposições veiculadas pelos meios de comunicação são muito importantes porque contribuem para nos ajudar a estruturar sentidos dispersos e selecionar certos sentidos em vez de outros, organizando e definindo nossa realidade (FRANÇA, 2011, p. 43). Isso é feito, como mostramos, a partir de estratégias discursivas, que têm como resultado enquadres diversos e, até mesmo, contraditórios. No entanto, não podemos nos esquecer que esses enquadres são negociados nas diversas interações existentes. Nesse sentido, essa diversidade é importante para que os leitores possam “construir” a verdade, ou, pelo menos, a sua verdade com mais autonomia. No disputado universo de enquadramento do conflito entre árabes e palestinos, *Carta Capital* caracterizou negativamente Israel; *Veja*, por sua vez, tentou divulgar uma verdade diferente. Ambas defendem o lugar da verdade absoluta dos fatos mesmo tendo consciência de que a publicação concorrente tem outra verdade a exhibir. Diante desse cenário, múltiplo e às vezes contraditório, cabe ao leitor usar sua capacidade crítica para melhor entender o que se passa no mundo.

## Referências

ANTUNES, Elton. Narrativas. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo (Orgs). *Grupo de Pesquisa em Imagem e Socialidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação*. Belo Horizonte: PPGCOM-UFMG, 2014.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência*. São Paulo: Edusp, 2012.

FRANÇA, Vera R. V. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera R. V.; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FRANÇA, Vera. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. In: *Caleidoscópio*. Revista de Comunicação e Cultura - Dimensões do acontecimento - Configuração, mediação, tempo e experiência, Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - departamento de Ciências da Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação. Edições Universitárias Lusófonas, n. 10, p. 59-72, 1º semestre 2011.

GOFFMAN, Ervin. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MENDES, André. *Mapas de Arlindo Daibert: diálogos entre imagens e textos*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2011.

QUÉRÉ, Louis. *A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista*. In: FRANÇA, Vera R. V.; OLIVEIRA, Luciana de (Orgs). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p.21-38.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: *Trajectos - revista de comunicação, cultura e educação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Nº 6, Primavera de 2005.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.